

A geração de 64, quarentona

R05988

Há exatos vinte anos, um primeiro-de-abril pegou a sério cinco rapazes inteligentes e ambiciosos. Dois deles, José Serra, 22 anos, e Marcelo Cerqueira, 24, depois de passarem horas entrincheirados no Departamento de Correios e Telégrafos do Rio de Janeiro – QG improvisado das forças leais ao presidente João Goulart, sob o comando um tanto sobressaltado de um coronel –, notaram que algo estava errado: os tanques do I Exército que deveriam estar ali para protegê-los apontavam seus canhões diretamente sobre eles. Os dois bateram em retirada – e acabaram na casa do deputado Tenório Cavalcanti, no interior fluminense. “No dia seguinte”, recorda Serra, “acordei com a sensação de que era tudo pesadelo, com o Tenório louco para se livrar da gente e a Marcha da Família celebrando a vitória no Rio”. O mesmo Tenório Cavalcanti, o homem do corpo fechado, iria aparecer meses mais tarde na vida do baiano Carlos Alberto de Oliveira, o “Caó”, 22 anos, oferecendo-lhe um bico no jornal sensacionalista *Luta Democrática*. Mas no 1º de abril, uma quarta-feira, Oliveira sumia das ruas de Salvador, submergindo em casa de amigos para escapar do vendaval político deflagrado na véspera, 31 de março de 1964, quando o partido do conservadorismo tomava um governo que lhe parecia desgarrar-se perigosamente no rumo do comunismo.

Em São Paulo, na mesma quarta-feira fatídica, o vestibulando José Dirceu de Oliveira e Silva, 18 anos, empoleirado no alto de um edifício na estratégica praça da República, assistia à comemoração do pessoal da Universidade Mackenzie, com quem haveria de se medir mais tarde. “Eu nem sabia que o Brizola existia, naquela época, mas tinha ouvido falar das reformas do Jango”, lembra, “e me incompatibilizei com o golpe quase por instinto, por osmose”. Com sentimento parecido, no Rio, o calouro de direito Vladimir Soares Palmeira, 19 anos, futuro aliado político de Dirceu em 1968, voltava desolado para casa, depois de uma vigília no lendário CACO, o centro acadêmico mais conhecido do Rio. Levou a maior gozação assim que cruzou a soleira da porta. “Meu pai apoiava os golpistas, e o senador Daniel Krieger, padrinho do meu irmão, foi logo dizendo: essa tua esquerdinha agora não toma o poder nem em 25 anos.” No Brasil de 1964, a nata dos universitários estava, de fato, ancorada na esquerda e era um fator decisivo na cena política. Isto era previsível num país de 70 milhões de habitantes e apenas 160 mil universitários – o topo da pirâmide era ainda mais afunilado do que hoje. À diferença da geração universitária que fez suas primeiras passeatas no governo Geisel, porém, a

*Eles eram os herdeiros
da política nos
anos 60, sumiram por
duas décadas e
agora tratam de recomeçar*

elite da geração de 64 foi instantaneamente marginalizada pelo novo governo – e condenada a viver distante do poder.

Do alto de sua experiência, o ex-senador gaúcho Krieger arriscava ter razão. No entanto, faltam cinco anos para que sua profecia se transforme em realidade – e a geração de 64 está chegando lá. José Serra, então presidente da União Nacional dos Estudantes, a UNE, pilota hoje, aos

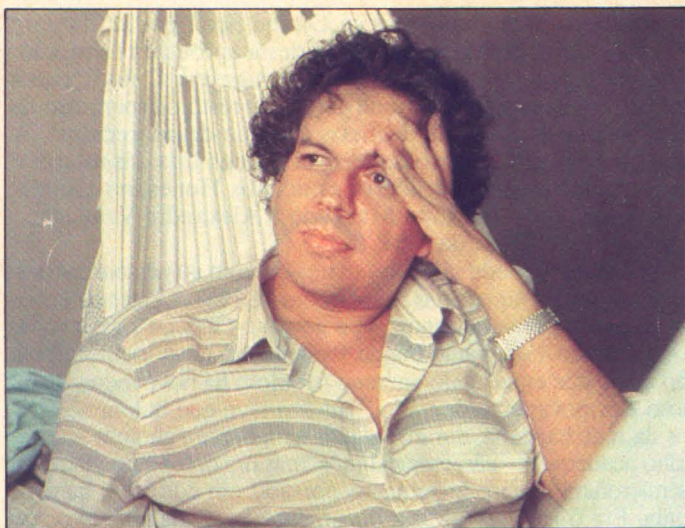
42 anos, a pasta de Planejamento no governo do Estado mais rico do país, São Paulo. É um supersecretário, que certamente vive mais próximo do poder que o seu colega na equipe do governador Franco Montoro e antigo ministro da Educação nos idos de 1964, Paulo de Tarso. Carlos Alberto de Oliveira, o Caó, 42 anos, presidente da União dos Estudantes da Bahia em 1963-64, é hoje secretário do Trabalho e Habitação do governo Brizola. José Dirceu, 38 anos, ex-presidente da UEE paulista, é homem-chave no PT, o Partido dos Trabalhadores, como secretário da única executiva regional verdadeiramente sólida, a de São Paulo. Palmeira, 39 anos, candidatou-se ao Senado pelo PT carioca em 1982, catorze anos depois de ter liderado a ativa UME, a união dos estudantes do Rio. Cerqueira, 44 anos, o veterano da turma, foi deputado federal pelo PMDB até 1982. Até mesmo um presidenciável tem a cancha da tribuna estudantil dos anos 60: o senador pernambucano Marco Maciel, do PDS, na época membro da JUC (Juventude Universitária Católica), era presidente da União dos Estudantes de Pernambuco seis meses antes do golpe.

Duas décadas depois, os rapazes de 64 estão de volta, trazendo na bagagem uma história que mistura a interrupção brusca da vida política, o exílio e a dura repressão da primeira metade dos anos 70. Quase nada os identifica hoje, a não ser o fato de terem sido a elite de uma geração que não teve uma escola política normal. Preparados aos 20 anos no ambiente das reformas de base do deposto presidente João Goulart, tiveram de enfrentar a longa contra-reforma dos militares. Recomeçando a escalada aos 40 anos, sem ter tido a chance de exercitar as regras do jogo democrático aos 30, são uma geração que tem pressa: são os órfãos da cidadania, prontos para recuperar o tempo perdido. “Além de todos os males da ditadura, esta é uma ditadura de velhos. Pobre país”, diz Cerqueira, segundo de Serra na UNE na época em que Jango, um presidente bonachão, recebia o presidente dos estudantes para discutir, por exemplo, sobre uma reforma agrária que poderia atingir propriedades acima de 100 ou de 500 alqueires.

“Evidentemente, eu propunha 500 alqueires só porque o Partido Comunista propunha 100”, lembra José Serra ao recordar a



JOSÉ SERRA, 42 ANOS
Presidente da UNE em 64, secretário de Planejamento em 84



PALMEIRA, 39 ANOS
Líder da UNE em 68, agora no PT carioca



MOREIRA FRANCO, 38 ANOS
Do maoísmo ao PDS, passando pelo MDB

sua intervenção no famoso comício do dia 13 de março, quando Jango anunciou suas reformas de base a 200 mil pessoas, pouco mais de duas semanas antes de ser deposto. Tido como modelo de tenacidade na equipe do governador Montoro, Serra já endurecia nos tempos de aluno de engenharia da Escola Politécnica, em São Paulo. Como presidente da UEE paulista, na rota para a UNE, mandou cortar a extensão clandestina do telefone que unia a sede da entidade aos fundos do Teatro Oficina, em São Paulo. Zé Celso Correa, anos depois famoso e conhecido com *O Rei da Vela*, ficou sem telefone. Em compensação, descobriu no eclético Serra um intérprete dedicado de sua peça *Vento Forte para Papagaio Subir*, que levou no grupo teatral da Poli. Serra, dizem, foi ator e tanto. “Às vezes eu acho que este passado de ator do Serra é que faz com que ele consiga convencer as pessoas, nas reuniões, sobre as questões mais espinhosas”, arrisca Jorge Cunha Lima, secretário de Cultura de São Paulo. Naquele comício fatídico do 13 de março, porém, foi a rapidez que salvou Serra no palanque. Como andava crítico de Jango, foi escalado para falar logo no comecinho, na hora do pipoqueiro, quando ninguém presta atenção. Para reagir à altura, chegou tarde, despistou o pessoal das credenciais e arrancou o microfone das mãos de um atônito Dante Pelacani, líder da CGT, para falar contra o golpe. “Fiquei anos falando contra o golpe, obsessivamente, desde a UEE”, lembra o secretário paulista, na época militante da Ação Popular, grupo que descolou à esquerda da Ação Católica. Dezoito dias depois, Serra fugia dos tanques, enquanto a sede da UNE, na praia do Flamengo, era incendiada. O fogo só não levou um retrato de Josef Stalin, premeditadamente plantado atrás da mesa de Serra. “Logo Stalin”, reclama, “que não era alguém propriamente da minha devoção”. E continua não sendo – o que não o impediu de participar, ao lado do senador Severo Gomes, da festa da campanha pela legalização do Partido Comunista, domingo passado, no estádio do Pacaembu, em São Paulo.

Entre as bandeiras coloridas e pacíficas da festa do Pacaembu e a correria de um distante abril, Serra enfrentou um bom pedaço. De início, buscou asilo na embaixada da Bolívia, junto com Cerqueira, seguindo a bússola de um deputado amigo do falecido ex-presidente Juscelino Kubitschek, que lhes ordenou, tranqüilo: “Fiquem um tempo por lá enquanto eu acerto as coisas por aqui”. Juscelino acabou cassado e Cerqueira atravessou a fronteira da Bolívia, voltou ao Brasil em 1965 e enfrentou cem dias de prisão. Serra partiu para Paris, e de lá para o Chile, onde viveu um segundo golpe militar, em 1973, desta vez contra o governo de Salvador Allende. “No décimo aniversário do golpe de 1964 eu estava asilado numa embaixada, exatamente nas mesmas condições”, diz. “Acho que tenho vocação para me meter em situações complicadas.” No Chile, sem lenço nem documento, Serra começou a estudar economia na CEPAL. Foi paixão à primeira vista – em pouco tempo ele era assistente de um dos cérebros da CEPAL, Aníbal Pinto, e professor dos cursos de pós-graduação, sem jamais ter passado por um curso de graduação. A universidade, é claro, concedeu-lhe o título. E Serra assessorou o governo Allende nos últimos meses antes do golpe de Pinochet. “Eu era um crítico da estratégia inflacionária do governo”, diz, “e foi lá que aprendi que a vontade política não basta para controlar a economia”. É praticamente isto que o secretário Serra tem repetido aos funcionários públicos de São Paulo, que agora reclamam do parco aumento recebido este ano. “Não posso passar cheque sem fundos”, repete, mais uma vez. Do Chile

em diante, o economista foi-se aperfeiçoando: doutorado em Cornell e com uma passagem de dois anos por Princeton, ambas nos Estados Unidos. Em 1978, estava de volta para lecionar na Universidade de Campinas e se engajar na campanha do professor Fernando Henrique Cardoso ao Senado. De lá para cá, a dobradinha tem sido imbatível.

“Serra faz parte dos novos burgueses no poder”, combate José Dirceu, referindo-se aos quadros em ascensão do PMDB, “mas isto é também uma novidade no Brasil; o PMDB como partido moderno da burguesia”. De barba e cabelos mais curtos, Dirceu lembra pouco o incendiário que encantava até mesmo as moças da AP, adversária intratável dos jovens comunistas na política estudantil. Aliado do carioca Palmeira na “Dissidência”, grupo saído do PCB, a carreira de ambos pareceu acabar ao mesmo tempo e no mesmo lugar – quando o XXX Congresso da UNE foi capturado pela polícia paulista em Ibiúna, no final de 1968. Presos por onze meses, isolados num microgrupo, os dois foram banidos com os quinze presos trocados pela libertação do embaixador americano Charles Elbrick, sequestrado em 1969.

CLAUDIO VESIANI



PINHEIRO, 40 ANOS

Guardando microfilmes do movimento operário em cofre de banco

Foram todos para Cuba, mas só Dirceu ficou por lá, durante dez anos. Começava o pior capítulo desta atribulada formação. “Dos 29 brasileiros que moraram comigo em Cuba”, conta Dirceu, “só sobramos eu e uma garota. O resto ou foi morto na volta ao Brasil ou consta daquelas listas de desaparecidos”. A geração de 64 é também a da terrível e longa lista dos mortos e desaparecidos, como os líderes estudantis Honestino Guimarães, José Carlos da Matta Machado e Alexandre Vanucchi – hoje nome do DCE da USP.

Os anos de medo são outra marca comum ao pessoal das passadas de 1968 e àquele das negociações de 1964. “Antes de entrar em casa, durante vários anos, até o governo Geisel, eu dava voltas no quarteirão”, diz Paulo Sérgio Pinheiro, 40 anos, cientista político e assessor especial do governo Montoro há nove meses. Estudioso em movimento operário, Pinheiro teve que utilizar seu traço da rede bancária, durante algum tempo, para garantir seu trabalho acadêmico – não empréstimos, mas um cofre. “Eu guardava os microfilmes sobre movimento operário em cofres de banco”, conta. Era o jeito de salvar a documentação. Pinheiro, até o ano passado uma presença indispensável nos comícios comandados pelo PT, hoje aposta no PMDB. “Acho que o PMDB é o partido



CAÓ, 42 ANOS

Das assembleias baianas ao governo Brizola



CERQUEIRA, 44 ANOS

Na noite do golpe, escondido na casa do cacique Tenório Cavalcanti



ZÉ DIRCEU, 38 ANOS

Depois de Ibiúna, homem forte no PT

da transição." De certa forma, esta é uma volta às origens – em 1964, Pinheiro pertencia ao movimento solidarista, ala jovem da democracia cristã. Em 1984 assessora o mais notável ex-democrata-cristão, Montoro. "Agora foi o reencontro" ... , brinca.

Ele não foi o único a mudar a rota, conservando o leme. Dirceu, saído de um namoro firme com o PC, está hoje exatamente no barco rival quando se trata da disputa sindical – o PT. "Você vê como são as coisas?", diz. "Nós que éramos chamados de reformistas, acusados de querer negociar com o governo." Outro caso, desta vez sem nostalgia das origens ou qualquer veleidade puramente ideológica, é o do atual presidente do diretório carioca do PDS, Wellington Moreira Franco. Wellington, que pertenceu à AP nos anos de estudante, foi um dos articuladores da chapa da UME carioca em 1966, derrotada pela turma de Palmeira. "O pessoal da 'Dissidência', que surgiu em 1966, não tinha bom senso", Palmeira faz a autocritica, "mas não era maluco, como a AP". Moreira Franco abandonou as maluquices estudantis em 1969, quando foi a Paris escrever sua tese, acompanhado da mulher, Celina, filha do senador Amaral Peixoto e neta de Getúlio Vargas. Na volta, entrou na esteira dessa dinastia, elegeu-se deputado federal e depois prefeito de Niterói pelo MDB e PMDB, até se mudar para o PDS com o sogro, o maior cacique da história do Estado do Rio. Candidato a governador pelo PDS no Estado do Rio em 1982, não evitou o desconforto de ser entrevistado num programa de TV sobre um suposto encontro que teria mantido com Alfredo Sirkis, em 1971, no Hotel Lutécia de Paris – Sirkis representando o MR-8, um grupo de luta armada, e Wellington a APML do Brasil, um desdobramento maoísta da antiga AP. "Mao?", pergunta Moreira. "Eu gostava mesmo é de Chu En-lai, grande poeta. E aprender política, aprendi mesmo com três homens. O Tancredo Neves, o Thales Ramalho e meu sogro." Serra, que lembra mal de Wellington ("naquela época ele era base") e mais de Marco Maciel ("eu tinha um bom diálogo com ele, que não era de direita, mas de uma posição independente"), diz que aprendeu muito com a política mesmo.

"Na época de estudante, como oposição, aprendi a somar", resume Serra. "Agora, no governo, a administrar e selecionar conflitos." Serra, que na volta ao Brasil chegou a pensar na possibilidade de um partido socialista, desistiu da idéia. "Socialismo com quem?", pergunta. "O que está na ordem do dia, para as massas, é a democracia e a eliminação da pobreza." Democracia parece ser a palavra-chave desta geração. "Antes, não víamos que vários destes instrumentos, que chamávamos de burgueses, eram conquistas do povo, e não dos dominadores", lembra Caó, que em fevereiro de 1970 enfrentava seis meses de prisão por suas atividades estudantis. Democracia, parece, dispensa adjetivos no Brasil de 1984.

"Nós somos uma geração tão tolerante", complementa Palmeira, "que reconhecemos o Wellington como alguém de nossa geração, mesmo que no geral de suas idéias ele já tenha passado da nossa idade". "Acabamos todos no mesmo vagão", lembra Pinheiro, "passamos de incendiários a bombeiros". Pelo sim, pelo não, o mínimo que se pode dizer desta geração é que ela pode conviver perfeitamente, hoje, com as marchadeiras de 1964, num mesmo comício – pelas diretas, já. ▲

Marília Pacheco Fiorillo, com Armando Rollemberg, em Brasília, e Ricardo Lessa, no Rio